

Ernest Hemingway

O VELHO
E O MAR

tradução e prefácio de
Jorge de Sena

LIVROS DO BRASIL

Era um velho que pescava sozinho num esquiife na Corrente do Golfo e saíra havia já por oitenta e quatro dias sem apanhar um peixe. Nos primeiros quarenta dias um rapaz fora com ele. Mas, após quarenta dias sem um peixe, os pais do rapaz disseram a este que o velho estava definitivamente e declaradamente *salao*, o que é a pior forma de azar, e o rapaz fora por ordem deles para outro barco que na primeira semana logo apanhou três belos peixes. Fazia tristeza ao rapaz ver todos os dias o velho voltar com o esquiife vazio e sempre descia a ajudá-lo a trazer as linhas arremadas ou o croque e o arpão e a vela enrolada no mastro. A vela estava remendada com quatro velhos sacos de farinha e, assim ferrada, parecia o estandarte da perpétua derrota.

O velho era magro e seco, com profundas rugas na parte de trás do pescoço. As manchas castanhas do benigno cancro da pele que o Sol provoca ao refletir-se no mar dos trópicos viam-se-lhe no rosto. As manchas iam pelos lados da cara abaixo, e as mãos dele tinham as cicatrizes profundamente sulcadas que o manejo das linhas com peixe graúdo dá. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. Eram antigas como erosões num deserto sem peixes.

Tudo nele e dele era velho, menos os olhos, que eram da cor do mar e alegres e não vencidos.

— Santiago — disse o rapaz, ao virem da praia para onde fora alado o esquiife. — Posso tornar a ir contigo. Já ganhámos algum dinheiro.

O velho ensinara o rapaz a pescar e o rapaz gostava muito dele.

— Não — respondeu o velho. — Andas num barco de sorte. Fica com eles.

— Mas lembra-te de como saíste oitenta e sete dias sem peixe, e depois apanhaste só grandes, todos os dias, três semanas a fio.

— Lembro — disse o velho. — Bem sei que não me deixaste por duvidares.

— Foi o papá quem me mandou. Sou um rapaz pequeno e tenho de lhe obedecer.

— Bem sei — disse o velho. — É assim mesmo.

— Não têm grande fé...

— Pois não. Mas nós temos. Então não temos?

— Temos — respondeu o rapaz. — Posso pagar-te uma cerveja no Terraço e depois levamos a tralha para casa?

— E porque não? — disse o velho. — Entre pescadores!

Sentaram-se no Terraço e muitos dos pescadores fizeram troça do velho e ele não se zangou. Outros, dos pescadores mais velhos, olhavam-no e ficavam tristes. Mas não o mostravam e falavam atenciosamente da corrente e dos fundos a que haviam deitado as linhas e do bom tempo firme e do que tinham visto. Os pescadores de sorte nesse dia já lá estavam e tinham aberto os grandes peixes e tinham-nos trazido ao comprido em duas tábuas, com dois homens cambaleantes à ponta de cada tábua, até à pescaria onde esperariam pelo camião frigorífico que os levaria ao mercado de Havana. Os que haviam pescado tubarões tinham-nos levado à fábrica, do outro lado da enseada, onde eram içados com um cadernal, e lhes eram extraídos os fígados, cortadas as barbatanas, esfoladas as peles e a carne feita em postas para salgar.

Quando o vento era leste um cheiro da fábrica atravessava o porto; naquele dia, porém, só a vaga memória de um odor vinha, porque o vento rondara ao norte e caíra, e no Terraço cheio de sol era agradável estar.

— Santiago — disse o rapaz.

— Que é? — perguntou o velho, segurando o copo e a pensar nos tempos de outrora.

— Posso ir arranjar-te umas sardinhas para amanhã?

— Não. Vai jogar o *baseball*. Ainda sei remar e o Rogélio atira a rede.

— Gostava de ir. Se não posso pescar contigo, gostava de ser útil de qualquer maneira.

— Pagaste-me uma cerveja — disse o velho. — Já és um homem.

— Que idade tinha eu quando me levaste a primeira vez num barco?

— Cinco, e ias quase morrendo, quando puxei o peixe ainda muito forte e por pouco ele fazia o barco em pedaços. Não te lembras?

— Lembro-me da cauda a dar e a bater e do banco a partir-se e do barulho da pancada. Lembro-me de me teres atirado para vante, onde estavam as linhas molhadas, e de sentir o barco tremer todo, e do barulho de tu à pancada a ele como quem deita uma árvore abaixo, e do cheiro doce do sangue por cima de mim.

— Tu lembras-te disso ou fui eu quem te contou?

— Lembro-me de tudo, desde que primeiro saímos juntos.

O velho olhou para ele, com os seus olhos amoráveis, confiantes, ardidados do sol.

— Se fosses meu filho, levava-te e tentava a sorte — disse. — Mas és filho do teu pai e da tua mãe e andas num barco dos bons.

— E se eu fosse às sardinhas? E sei onde arranjar quatro iscas.

— Sobraram-me de hoje as minhas. E deixei-as em sal na caixa.

— Deixa-me arranjar quatro frescas.

— Uma — disse o velho. A esperança e a confiança nunca o haviam abandonado. Mas reverdeciam agora, como ao sopro da brisa.

— Duas — disse o rapaz.

— Duas — anuiu o velho. — Não as roubaste?

— Era capaz. Mas comprei estas.

— Obrigado — disse o velho. Era demasiado simples, ele, para ficar a pensar quando atingira a humildade. Mas sabia que a atingira e sabia que não era desgraça e não acarretava perda do amor-próprio autêntico.

— Amanhã, com esta corrente, vai ser um bom dia — disse.

— Para onde vais? — perguntou o rapaz.

— Muito para o largo, para vir quando levantar o vento. Quero sair antes de ser dia.

— Hei de ver se o levo bem para o largo — disse o rapaz. — E, se pescas alguma coisa das grandes, podemos ir ajudar-te.

— Ele não gosta de trabalhar muito ao largo.

— Pois não — reconheceu o rapaz. — Mas hei de ver o que ele não pode ver, assim um pássaro à pesca, e levá-lo aos golfinhos.

— Vê assim tão mal?

— Está quase cego.

— É estranho — disse o velho. — Ele nunca andou às tartarugas. E é o que dá cabo dos olhos.

— Mas tu andaste anos e anos às tartarugas na Costa do Mosquito, e vês bem.

— É que eu sou um velho estranho.

— Mas ainda tens força para um peixe dos grandes a valer.

— Acho que sim. E há muitas manhas.

— Vamos levar a tralha para casa — disse o rapaz. — Para eu arranjar a rede e ir pelas sardinhas.

Pegaram na palamenta do barco. O velho levava o mastro ao ombro, e o rapaz a caixa de madeira com as linhas escuras, ásperas e enroladas, o croque e o arpão na sua bainha. A caixa das iscas estava sob o banco da popa, com o cacete que servia para dominar o peixe graúdo quando era trazido até ao casco. Ninguém roubaria nada ao velho, mas era melhor levar a vela e as linhas grossas para casa, pois que a orvalhada é má para elas, e, embora o velho estivesse certo de que ninguém do sítio lhe roubaria nada, achava que um croque e um arpão são tentações inúteis a deixar num barco.

Subiram juntos o caminho até à choupana do velho e entraram pela porta franca. O velho encostou ao pé da parede o mastro com a sua vela enrolada, e o rapaz pousou a caixa e o resto ao pé. O mastro era quase tão comprido como o compartimento único da choupana. Esta era feita de duros ramos de palmeira, a que chamam *guano*, e havia nela uma cama, uma mesa, uma cadeira e um lugar no chão para cozinhar a carvão de choça. Nas paredes escuras, de achatadas e sobrepostas folhas do grosseiramente fibroso *guano*, havia uma gravura a cores do Sagrado Coração de Jesus e outra da Virgem de Cobre. Eram relíquias de sua mulher. Noutro tempo houvera ainda uma fotografia dela na parede, mas ele tirara-a por se sentir muito só ao vê-la, e estava agora na prateleira do canto, por baixo da camisa lavada.

— Que tens para comer? — perguntou o rapaz.

— Um tacho de arroz de peixe. Queres?

— Não. Como em casa. Queres que eu acenda o lume?

— Não. Acendo-o eu depois. Ou como o arroz frio.

— Posso levar a rede?

— Claro que podes.

Não havia rede, e o rapaz lembrava-se de quando a tinham vendido. Mas todos os dias representavam esta cena. Também não havia tacho de arroz, o que o rapaz também sabia.

— Oitenta e cinco é bom número — disse o velho. — Gostavas de me ver trazer um que desse mais de quinhentos quilos?

— Pego na rede e vou às sardinhas. Sentas-te ao sol, à porta?

— Sento. Tenho o jornal de ontem e vou ler o *baseball*.

O rapaz não sabia se o jornal da véspera também era a fingir. Mas o velho foi buscá-lo abaixo da cama.

— O Perico deu-mo na *bodega* — explicou.

— Eu volto com as sardinhas. Guardo as tuas e as minhas no gelo, e pela manhã a gente reparte-as. Quando eu voltar, contas-me do *baseball*.

— Os Yankees não podem perder.

— Mas tenho medo dos Indianos de Cleveland.

— Tem confiança nos Yankees, meu filho. Pensa no grande DiMaggio.

— Mas eu tenho medo dos Tigres de Detroit e dos Indianos de Cleveland.

— Tem cautela, ou acabas com medo dos Vermelhos de Cincinnati e do Sox de Chicago.

— Tu vês isso e contas-me quando eu voltar.

— Achas que a gente compre lotaria com a terminação em oitenta e cinco? Amanhã é o dia oitenta e cinco.

— Podíamos comprar — disse o rapaz. — Mas que é feito do teu grande recorde de oitenta e sete?

— Isso não acontece duas vezes. Achas que arranjas um oitenta e cinco?

— Posso encomendar.

— Um inteiro. São dois dólares e meio. A quem pode a gente pedir isso emprestado?

— É fácil. Dois dólares e meio posso eu pedir sempre.

— Parece-me que também eu. Mas faz por não pedir emprestado. A gente começa por pedir emprestado e acaba a pedir esmola.

— Anima-te, meu velho — disse o rapaz. — Lembra-te de que estamos em setembro.

— O mês dos grandes peixes — comentou o velho. — Em maio, qualquer um é pescador.

— Vou-me às sardinhas.

Quando o rapaz voltou, o velho adormecera na cadeira e o Sol pusera-se já. O rapaz tirou da cama o velho cobertor da tropa e lançou-o sobre as costas da cadeira e os ombros do velho. Eram ombros estranhos, ainda fortes apesar de muito velhos, e o pescoço era ainda forte também e as rugas não tão evidentes quando o velho dormia e a cabeça lhe pendia para a frente. A camisa dele havia sido remendada tantas vezes que era como a vela, e aos remendos o sol os desbotara matizadamente. A cabeça do velho era, porém, muito velha, e, de olhos fechados, não havia vida no rosto. O jornal estava pousado nos joelhos e o peso do braço segurava-o da brisa da tarde. Estava descalço.

O rapaz deixou-o ficar, e, quando voltou, ainda o velho dormia.

— Acorda, velho — disse o rapaz, e pousou a mão num dos joelhos dele.

O velho abriu os olhos e, por momentos, vinha regressando de muito longe. Sorriu depois.

— Que arranjaste? — perguntou.

— Ceia — respondeu o rapaz. — Vamos ter ceia.

— Não tenho grande fome.

— Anda comer. Não se pode pescar sem comer.

— Eu tenho pescado — disse o velho, levantando-se, pegando no jornal e dobrando-o. Começou depois a dobrar o cobertor.

— Deixa-te ficar de cobertor — recomendou o rapaz. — Não hás de pescar sem comer enquanto eu for vivo.